



Mídia e Comportamento Sexual: Uma análise de Abordagens¹

Adriana Pinheiro Moutinho²

Universidade Estadual de Londrina, Paraná – PR.

Professora Dirce Vasconcellos Lopes³

RESUMO: Esse trabalho tem como objetivo apontar a composição textual como reflexo das mudanças de abordagem nas matérias da revista *Veja* sobre comportamento sexual. Busca-se, assim, através do estudo de matérias de 1981, 1995 e 2005, cujo conteúdo abranja comportamento sexual, demonstrar fatores que comprovem que a maneira como a revista *Veja* aborda a temática "sexo" mudou em paralelo com o aumento das liberdades sexuais da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Comportamento sexual; mídia; Revista *Veja*.

1. INTRODUÇÃO

Análise de Conteúdo é técnica investigativa cuja meta é descrever o objeto quantitativa ou qualitativamente. A partir da estruturação da metodologia, o computador surgiu como possibilidade para aperfeiçoar o caminho quantitativo da análise. Os avanços tecnológicos possibilitaram o desenvolvimento de softwares capazes de identificar e categorizar palavras de acordo com dicionários classificados pelos próprios pesquisadores, estabelecendo, dessa maneira, a frequência de aparição dos verbetes. Por outro lado, a inferência constitui parte do método para se realizar uma pesquisa em Análise de Conteúdo que possua características qualitativas.

Dessa maneira, objetiva-se o enriquecimento da leitura através do esclarecimento dos elementos constituintes do texto, independente de seu continente, uma vez que cada palavra possui carga conotativa que a priori passa despercebida. O levantamento de hipóteses pode ser considerado etapa da análise, visto que funcionam como diretrizes, que serão confirmadas ou refutadas no decorrer do trabalho. Abstrai-se disso, então, que esse tipo de metodologia é empírico, dependente das características da mensagem a ser analisada e também da intensidade de análise que se pretende fazer.

Vale ressaltar a diferença entre a Análise de Conteúdo e a Lingüística: a Lingüística ocupa-se das regras, do emprego correto das palavras, enquanto a Análise de Conteúdo percebe o significado que as palavras adquirem quando utilizadas nessa ou aquela situação. Portanto, a semântica, cujo material de estudo é o sentido das palavras, é a

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo, do INOVCOM, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Aluna do sétimo semestre de Comunicação Social – Hab. Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dri_moutinho@yahoo.com.br

³ Professora Doutora em Ciências da Comunicação, ministrando a disciplina de Comunicação e Cultura na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dircevl@sercomtel.com.br



principal ferramenta da Análise de Conteúdo. Da mesma forma, para se construir uma análise sintética, é necessário estabelecer convenções quanto ao vocabulário e a maleabilidade de inferência dos significados. Para tanto, chamam-se palavras plenas os substantivos, adjetivos e verbos pois são <<portadoras de sentido>>, segundo Bardin. Já os artigos, preposições, pronomes, advérbios e conjunções funcionam como palavras-instrumento, uma vez que servem como elementos de ligação.

Pode-se usar Análise de Conteúdo para diversas situações tais como para medir o peso das palavras utilizadas em um discurso político, perceber o significado de “pixações” urbanas ou ainda compreender a composição de roupas e acessórios como linguagem da qual é possível abstrair-se uma mensagem. O trabalho em questão visa identificar a mudança de abordagem utilizada na revista *Veja* para tratar de assuntos relacionados ao comportamento sexual. Para tanto, dentro das técnicas de Análise de Conteúdo, a Descrição Analítica possui características necessárias para a pesquisa, uma vez que, de acordo com Laurence Bardin, em seu livro *Análise de Conteúdo*, “tratar-se-ia, portanto, de um tratamento da informação contida nas mensagens. É conveniente, no entanto, precisar de imediato que em muitos casos a análise, como já foi referido, não se limita ao conteúdo, embora tome em consideração o <<continente>>”. (BARDIN, 2004)

O processo para a Análise de Conteúdo inicia-se com a exploração do objeto, estágio no qual o pesquisador elege textos e categorias para depois, na segunda etapa, explorar o material. Em seguida, numa terceira etapa, dá-se o tratamento dos resultados através da inferência e a interpretação. “Uma hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos a verificar (confirmar ou infirmar), recorrendo aos procedimentos de análise”, afirma a autora (BARDIN, 2004). Assim, a pesquisa embasa-se em hipóteses ou objetivos pré-estabelecidos pelo próprio pesquisador, de acordo com os resultados que pretende obter.

Uma parte importante para se realizar uma boa Análise de Conteúdo encontra-se na capacidade que o pesquisador possui sobre seu objeto de identificar suas características básicas e dividi-lo em categorias. Por certo, a categorização serve para classificar o material, como meios de compreendê-lo com maior profundidade. Além desse macete, o pesquisador ainda usa da Inferência, visto que, não adianta somente categorizar o objeto, faz-se necessário absorver o que cada categoria implica no resultado da pesquisa.

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo, do INOVCOM, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Aluna do sétimo semestre de Comunicação Social – Hab. Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dri_moutinho@yahoo.com.br

³ Professora Doutora em Ciências da Comunicação, ministrando a disciplina de Comunicação e Cultura na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dircevl@sercomtel.com.br



“A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo gênero (analogia), com os critérios previamente definidos”. (BARDIN: ano, pg 111).

A categorização ou codificação é um processo no qual o pesquisador examina os textos da pesquisa para depois recortá-lo em unidades. Em seguida, deve-se estabelecer uma regra de contagem (ou regra de enumeração), que será usada para a categorização propriamente, cuja meta é separar as unidades de pesquisa em vários grupos temáticos. A menor divisão de um trabalho é a unidade de registro. O recorte fica a cargo do pesquisador que pode fazê-lo sobre palavras, frases, temas, determinados documentos ou personagens. Posteriormente, estabelece-se a unidade de contexto que, como o próprio nome afirma, serve para contextualizar a unidade de registro em seu meio.

A Análise de Conteúdo permite ao pesquisador inferir sobre seu objeto de estudo. Entretanto, faz-se uma inferência em razão de um dos aspectos da mensagem, ou seja, pode-se inferir sobre seu emissor, receptor ou sobre a própria mensagem. O estudo envolve, em todas as possibilidades, a utilização da mensagem para se atingir uma inferência. Para usar a mensagem como aspecto para uma inferência, trabalham-se os campos do código – a maneira como a mensagem foi escrita- ou a significação, abordando a temática escolhida pelo emissor.

A Análise de Conteúdo oferece, ainda, a possibilidade de uma análise estrutural da mensagem. Para determinados casos, a contagem ou classificação de frequência é insuficiente para esmiuçar o objeto. Nessas situações, aplicam-se medidas de uma análise estrutural, para qual o pesquisador necessita possuir interesses léxicos e lingüísticos para, tal qual um mecânico, desmontar e montar o texto. Da mesma forma, a base de análise não está somente nos signos e significados, mas também nas relações que esses estabelecem entre si.

Vale ressaltar que, através das ferramentas fornecidas pela análise estrutural é possível elaborar um trabalho com Análise do Discurso, que usaria da inferência a partir de uma unidade de registro superficial, pertencente a uma análise de estrutura profunda. O emissor do discurso está situado num determinado plano social que influencia diretamente na criação da mensagem. Dessa maneira, para construir uma pesquisa que siga tanto as orientações de uma Análise de Conteúdo, como da Análise Estrutural e também da Análise do Discurso, é necessário delimitar um sistema lingüístico que será

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo, do INOVCOM, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Aluna do sétimo semestre de Comunicação Social – Hab. Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dri_moutinho@yahoo.com.br

³ Professora Doutora em Ciências da Comunicação, ministrando a disciplina de Comunicação e Cultura na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dircevl@sercomtel.com.br



usado para interpretar as unidades de registro e, também, encontrar as condições de produção da mensagem.

Uma mensagem é construída não somente pelas idéias de seu emissor, mas como reflexo de seu comportamento e, também, do contexto social em que o emissor está inserido. Dessa maneira, um discurso pode ser dito como intersubjetivo e, portanto, subordinado a um enquadramento social. Assim, a Análise do Discurso estuda, justamente, a mensagem como reflexo do pensamento da sociedade, na qual foi produzida, e essa maneira de construção da mensagem ressonante da realidade histórica, para a Análise de Discurso, configura parte intrínseca da mensagem. O texto possui dois aspectos: a camada discursiva, visível, e a camada ideológica, que é percebida com o estudo.

Assim, essa pesquisa seguirá orientações comuns aos conceitos de Análise do Discurso, Análise de Conteúdo e Análise Estrutural, de maneira a obter uma ferramenta concreta para justificar os resultados do trabalho. Busca-se, através do estudo de matérias da revista *Veja* de 1981, 1995 e 2005, cujo conteúdo abranja comportamento sexual, apontar fatores que comprovem que a maneira como a sociedade aborda a temática “sexo” mudou em vinte anos de publicações.

A revista *Veja* figura como representante midiática significativa por ser uma das revistas de maior tiragem do país e, além, de 1981 até hoje, manteve seu perfil de público, frequência de publicação e padrão editorial. O espaço de tempo entre uma matéria e outra é de dez anos; o período entre uma geração e a próxima, segundo dados do IBGE, é estipulado em 25 anos, ou seja, em dez anos ainda se trabalha com a mesma geração de leitores.

3. OBJETIVOS

- Apontar elementos da composição textual que comprovem mudança gradual de abordagem nas matérias de comportamento sexual da revista *Veja* de 1981, 1995 e 2005.
- Identificar a diminuição de palavras cujo sentido expresse censura ou surpresa em relação a um comportamento sexual inédito.
- Identificar nas matérias da revista *Veja* verbetes que possuam conotação de aceitação com relação à liberdade sexual adquirida ao longo do tempo.

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo, do INOVCOM, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Aluna do sétimo semestre de Comunicação Social – Hab. Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dri_moutinho@yahoo.com.br

³ Professora Doutora em Ciências da Comunicação, ministrando a disciplina de Comunicação e Cultura na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dircevl@sercomtel.com.br



4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para efeitos de metodologia, a unidade de registro que servirá de base para as inferências é a palavra, por se tratar de uma unidade lexical cuja polissemia pode confirmar-se através de verbetes e dicionários. Por conseguinte, a unidade de contexto, para identificar a conjuntura à qual a unidade de registro pertence, será a frase, uma vez que é uma unidade lexical de complexidade superior à de registro. Dessa maneira, as palavras consideradas chave para o desenvolvimento do estudo terão sua significação comprovada através da unidade de contexto.

A primeira categoria para a análise abrigará as palavras cujo sentido implique sensação de inédito, ou seja, unidades de registro e de contexto que indiquem determinado comportamento sexual como novidade, inovação. Tal categoria servirá, ao fim da análise, e depois de uma contagem, para demonstrar que a sensação de surpresa frente às experimentações sexuais diminui com o tempo. Além disso, utilizar-se-á a categoria de inovação para demonstrar que o nível de aceitação mudou, uma vez que, um comportamento antes considerado “inovador”, deixa de sê-lo, para que outra atitude passe a ser tomada como diferente. Em consonância a essa, outra categoria contabilizará as palavras com tom conotativo de censura, espera-se, assim, comprovar a diminuição da linha de pudor, através da redução do tom de reprovação, presente nos textos; o comportamento torna-se aceitável depois de um tempo, conseqüentemente, a censura pára ou diminui drasticamente. Objetiva-se expor que a censura passa a ser característica de pequenos grupos, conservadores.

A terceira categoria servirá para separar as unidades de registro e contexto que demonstraram aceitação perante o comportamento considerado inédito. Dessa maneira, parte-se do pressuposto que o texto é polissêmico, e, em paralelo a isso, uma matéria de revista possui mais de uma fonte para argumentação. Portanto, urge demonstrar que, ao passo em que existem comentários de censura, existem também os de aceitação. E, na mesma medida em que a censura diminui, a aquiescência instala-se como reflexo da liberdade adquirida.

Por fim, uma quarta categoria tratará de verbetes ligados ao comportamento sexual propriamente dito, dessa maneira identificar-se-á no texto a quantidade de vocábulos e a intensidade que aparecer no decorrer da matéria e, em seqüência, no passar dos anos. Essa categoria terá finalidade de demonstrar que a produção textual sobre

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo, do INOVCOM, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Aluna do sétimo semestre de Comunicação Social – Hab. Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dri_moutinho@yahoo.com.br

³ Professora Doutora em Ciências da Comunicação, ministrando a disciplina de Comunicação e Cultura na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dircevl@sercomtel.com.br



comportamento sexual humano mudou seu conteúdo dentro do período dessa pesquisa. Assim, através da análise de presença e frequência busca-se evidenciar que as palavras utilizadas para discriminar relacionamentos e a intensidade em que eles acontecem quebraram a barreira dos tabus, de forma que o texto tornou-se, da década de oitenta até o século XXI, mais explícito.

5. ANÁLISE DA PRIMEIRA MATÉRIA: REVISTA VEJA – 1981

Quadro de Categorias

Categoria	Palavras	Frequência
1) Surpresa/inédito	Novo	6
	Nome moderninho	1
2) Censura	Timidez	1
	O colorido tem sentido de variedade? Pior ainda	1
3) Aceitação	Liberdade	2
	Ideal	1
4) Comportamento sexual	Amizade colorida	16
	Namoro	4
	Caso	2
	Vida sexual mais livre	1
	Amigos coloridos	4
	Desejos no dia	1
	Casamento	6
	Colorida onda	1

A primeira matéria a ser analisada foi retirada da revista Veja, de 15 de abril de 1981, e segue como anexo desse trabalho. A primeira parte do texto reserva-se a descrever a Amizade Colorida, “um encontro sem posses, sem ciúme”, a segunda parte aponta os aspectos positivos e principais defensores, “As pessoas se curtem, mas curtem mais a própria liberdade”. Já na terceira parte, existem colocações negativas sobre a amizade colorida, em afirmações também dadas por artistas, de maneira que a última impressão que o leitor absorva sobre a Amizade colorida seja de um relacionamento volátil e insuficiente, “de fato, mesmo os aparentes maiores benefícios da amizade colorida tem dúvidas a respeito de sua superioridade sobre o convencional”.

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo, do INOVCOM, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Aluna do sétimo semestre de Comunicação Social – Hab. Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dri_moutinho@yahoo.com.br

³ Professora Doutora em Ciências da Comunicação, ministrando a disciplina de Comunicação e Cultura na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dircevl@sercomtel.com.br



A matéria possui 7.480 caracteres, em 1.266 palavras. A categorização do estudo mostra que existem seis referências sobre o comportamento inédito, usando a palavra “novo”, e suas variações em gênero e número uma referência usando a palavra “moderninho”. Dessa maneira, 0,55% do texto destinam-se a classificar a Amizade colorida como um comportamento sexual inédito. “Um novo tipo de relacionamento entre homem e mulher desenvolve-se no Rio de Janeiro e em São Paulo, particularmente no meio artístico: é a chamada amizade colorida.”.

A categoria relacionada à censura apresenta duas expressões. A primeira é “timidez” e foi retirada da frase que antecede a opinião da modelo (manequim) Mila Moreira; nesse caso, o produtor do texto implica sensação de que Mila Moreira deveria ter ficado com vergonha de fazer o comentário que fez, mas não ficou. Além desse, tem a unidade de contexto da fala de Martha Rocha, na qual ela condena o sentido de variedade presente na expressão “colorido”. Considerando as oito palavras da unidade de contexto, da frase usada por Martha Rocha, mais “timidez”, são nove palavras em 1.266, resultando em 0,71% do texto.

A categoria cujo objetivo é delimitar unidades de registro e contexto relacionadas à aceitação do comportamento inédito filtrou duas expressões: “liberdade”, com uma reincidência, e “ideal”, retirada da frase de Lenita, cuja conotação coloca a Amizade colorida como relacionamento ‘ideal’. Dessa maneira, contam-se três unidades de registro de conotação de aquiescência, no corpo total do texto, somando 0,24%.

A quarta categoria que relaciona as palavras ligadas ao comportamento sexual compreende nove palavras, cada qual com seu número de reincidência, entretanto é necessário analisar o conteúdo implícito nesse grupo, visto que da comparação entre os estudos das outras matérias resultarão as conclusões dessa pesquisa. Existem quatro palavras para definir relacionamentos de intensidades diferentes: Casamento, Caso, Namoro e a Amizade colorida. Em seguida, as unidades de contexto “vida sexual mais livre” e “desejos no dia” com implicações de vida sexual mais ativa. Por fim, “colorida onda” que é uma reutilização da expressão “amizade colorida”. Assim, todas as palavras e reincidências somam 2,76% do total da matéria.

6. ANÁLISE DA SEGUNDA MATÉRIA: REVISTA VEJA – 1991

Quadro de Categorias

Categoria	Palavras	Frequência
-----------	----------	------------

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo, do INOVCOM, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Aluna do sétimo semestre de Comunicação Social – Hab. Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dri_moutinho@yahoo.com.br

³ Professora Doutora em Ciências da Comunicação, ministrando a disciplina de Comunicação e Cultura na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dircevl@sercomtel.com.br



1) Surpresa/inédito	Cria	1
	Diferente	1
2) Censura	Exagerada	1
	Diálogos Brejeiros	1
3) Aceitação	Sucesso	1
	(A novela) irá deixar saudade	1
4) Comportamento sexual	Símbolos sexuais	2
	Diálogos politicamente incorretos	1
	Quanto menos roupa melhor	15
	(Dialeto) escorregadio	1
	Sexo	1
	Ir direto ao ponto	1
	Tesão	1
	Avantajado	1
	Hora H	1
	Caliente	1
	Fogosa	1
	Casos	1

A segunda matéria a ser analisada foi retirada da revista Veja, de 1º de fevereiro de 1995, e segue como anexo desse trabalho. A matéria divide-se em três blocos. O primeiro explana sobre o vestuário mínimo e a utilização do corpo dos atores para chamar atenção do público. O segundo coloca a voz desses atores para comprovar que os três atingiram maior sucesso com esses personagens. Por fim, a matéria mostra que esses três personagens cativaram o grande público, com suas características tão peculiares, que são resultado do bom trabalho do autor da novela, Carlos Lombardi. A idéia que fica para o leitor, como última impressão do texto, é que Carlos Lombardi está construindo um texto interessante por se basear na realidade. Dessa maneira, não importa, ao fim, a quantidade de namorados da Babalu (Letícia Spiller) ou das sungas de Humberto Martins e Marcello Novaes; a novela mostra-se caricata da realidade, quebrando tabus ao falar sobre sexo abertamente.

A primeira categoria que aborda expressões de concordância possui duas palavras, que falam da criação de um novo estilo de novela. A matéria tem 885 palavras, num total de 5.142 caracteres e a categoria de aceitação representa 0,22% do total do texto.

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo, do INOVCOM, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Aluna do sétimo semestre de Comunicação Social – Hab. Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dri_moutinho@yahoo.com.br

³ Professora Doutora em Ciências da Comunicação, ministrando a disciplina de Comunicação e Cultura na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dircevl@sercomtel.com.br



Já a segunda categoria, denominada censura, contém dois verbetes: “exagerada” e “diálogos brejeiros”. A primeira remete ao comportamento dos personagens, que é caricato e desbocado, o que leva à segunda expressão, “diálogos brejeiros”. Ora que a novela usa vocabulário simplista para falar livremente sobre sexo. Dessa forma, “brejeiros” refere-se, de acordo com o dicionário, “aquele que manifesta, nos ditos ou nos atos, tendências para a malícia, para a obscenidade; maroto, garoto”. São três palavras em 885 totais, ou seja, 0,34% do texto.

A terceira categoria compreende a aceitação e contém uma unidade de registro e uma de contexto. A primeira palavra é “sucesso”, referente à popularidade da novela, que serve como exemplo básico de aceitação. Se é popular, é aceita, portanto, o comportamento e ações dos atores também o são. A unidade de contexto, que contém três palavras, é a última frase da matéria, na qual a autora afirma que a novela irá deixar saudade quando acabar. Dessa maneira, a aquiescência, nessa matéria, representa 0,45% do total.

A quarta categoria, sobre comportamento sexual, possui oito palavras. O conteúdo conotativo dessa categoria apresenta uma palavra, “casos”, referente a um relacionamento de pouca intensidade; expressões variadas que significam vestuário minimalista e, ao fim, seis palavras que tratam de sexo, por meio de eufemismos como “hora H”. A categoria constitui-se de 27 verbetes, representando 3,05% do total da matéria.

7. ANÁLISE DA TERCEIRA MATÉRIA: REVISTA VEJA – 2005

Quadro de Categorias

Categoria	Palavras	Frequência
1) Surpresa/inédito	Diferente	1
2) Censura	Proibições	1
	Perversões	1
	Condenadas	1
	Preconceito	1
	Escândalo	1
	Velhas barreiras	1
3) Aceitação	“E daí?”	1
	Natural	1
	Contornar	1
	Aceitou	1
	Mais liberdade	1

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo, do INOVCOM, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Aluna do sétimo semestre de Comunicação Social – Hab. Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dri_moutinho@yahoo.com.br

³ Professora Doutora em Ciências da Comunicação, ministrando a disciplina de Comunicação e Cultura na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dircevl@sercomtel.com.br



	Sem causar rejeição	1
	Saudável naturalidade	1
	Hoje eles se assumem mais e mais cedo	1
	Experimentações	1
	Tolerância	1
	Experiências	1
	Nova visão naturalizada da sexualidade	1
4) Comportamento Sexual	Homossexualismo	2
	Affair	1
	Gay	14
	Bissexual	9
	Machista	1
	Misógina	1
	Namorei	1
	Eclético	1
	Lésbicas	4
	Heterossexuais	3
	Sexuais	3
	Sexo	1
	(Bandeira do) arco-íris	1
	Feminismo	1
	Homossexuais	7
	(Comportamentos) desviantes	1
	Caso	1
	Apimentadas	1
	Homossexualidade	8
	Assumir	5
	Desejos sexuais	1
	Beijar	2
	Sexualidade	4
	Lesbianismo	2

A terceira matéria a ser analisada foi retirada da revista *Veja*, de 21 de dezembro de 2005, e segue como anexo desse trabalho. A matéria divide-se em duas partes, a primeira mostra a história de Ana Carolina e seu sucesso profissional. A segunda usa como gancho a opção sexual da cantora, que é bissexual, para mostrar dados que comprovam a bissexualidade como fator comum da população.

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo, do INOVCOM, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Aluna do sétimo semestre de Comunicação Social – Hab. Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dri_moutinho@yahoo.com.br

³ Professora Doutora em Ciências da Comunicação, ministrando a disciplina de Comunicação e Cultura na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dircevl@sercomtel.com.br



A primeira categoria, que trata do sentimento de inédito e surpresa, possui somente uma palavra, “diferente”. Dessa maneira, representa 0,05%, dos 12.896 caracteres, em 2.119 palavras do texto completo.

A segunda categoria, cujo objetivo é relacionar palavras com sentido de censura ao comportamento inédito contém seis palavras, ou seja, 0,28% do texto. Entretanto, é válido ressaltar que as unidades de contexto posicionam as unidades de registro de censura em um tempo anterior ao do texto:

“A hipocrisia sempre deu um jeito de contornar proibições. E o privilégio econômico também se traduzia em vantagens no terreno sexual: o poeta inglês Lord Byron, um ícone do romantismo gótico que gostava tanto de homens como de mulheres, observou que todas as perversões que eram condenadas nas classes médias eram perdoadas aos que, como ele, pertenciam à aristocracia.”

“Escândalo” e “velhas barreiras” também figuram como situações do passado: “...substituir o escândalo em torno das diferenças sexuais por uma saudável naturalidade...” e “que é cada vez mais custoso e fútil manter de pé as velhas barreiras”. A palavra “preconceitos”, entretanto, tem conotação de censura, mas é uma censura que parte da sociedade para quem assume sua sexualidade.

A terceira categoria, que abrange palavras de aceitação, apresenta 12 palavras que exemplificam aquiescência em relação à bissexualidade e ao homossexualismo. Dessa maneira, a contagem representa 0,57% do total de 2.119 palavras.

A quarta categoria cuja finalidade é filtrar palavras de conteúdo relacionado a comportamento sexual contém palavras relacionadas diretamente a opções sexuais, como “homossexualismo” e “lesbianismo”. Assim, nota-se a exposição de situações possíveis para a escolha de um parceiro, desde optar pelo sexo oposto, mesmo sexo ou ainda a bissexualidade. São dez palavras, com reincidência em algumas, levando a uma contagem de 69 palavras, que representam 3,26% do total do texto.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, o primeiro objetivo desse estudo é demonstrar através de dados comparáveis que houve uma diminuição no índice de surpresa, ou sensação de inédito, em relação ao comportamento sexual. Dessa maneira, a Análise de Conteúdo, através da inferência e contagem, permite absorver que na primeira matéria analisada da revista *Veja* de 1981 0,55% do texto constitui-se por palavras com sentido de inédito. Já a segunda matéria da *Veja*, de 1995, apresenta 0,22% com unidades de registro de conotação de inédito e, ao fim, a terceira matéria da revista *Veja*, de 2005, contém apenas 0,05% de seu texto

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo, do INOVCOM, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Aluna do sétimo semestre de Comunicação Social – Hab. Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dri_moutinho@yahoo.com.br

³ Professora Doutora em Ciências da Comunicação, ministrando a disciplina de Comunicação e Cultura na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dircevl@sercomtel.com.br



com palavras de surpresa. Portanto, a primeira hipótese de que a sensação de surpresa presente no texto com relação às inovações no comportamento sexual diminui no espaço de 24 anos abrangidos pelo estudo.

A segunda hipótese desse estudo busca confirmar que, assim como a sensação de inédito, presente no corpo do texto, a presença de palavras ou comentários de censura ao comportamento abordado na matéria também diminuiu. Dessa forma, a comparação das grades de categorias permite expor que a matéria da revista *Veja* de 1981 possui 0,71% de seu texto de palavras de censura, enquanto a matéria de 1995 apresenta 0,34% e a matéria de 2005 contém apenas 0,28% de unidades de registro com conotação de censura.

A terceira hipótese afirma que aceitação representa acatar o comportamento sexual inovador. Vale ressaltar que seria possível considerar a não-presença de elementos de censura como anuência velada da atitude descrita na matéria. Entretanto, a hipótese da pesquisa restringe-se a palavras que expressem diretamente aceitação. Portanto, é admissível afirmar que na primeira matéria analisada, 0,24% do texto corresponde a palavras de aceitação. Na segunda matéria, 0,45% são palavras que transmitem idéia de aquiescência. Já na terceira matéria denota-se possível assegurar que houve aumento de unidades de registro de aceitação no período delimitado pelo estudo, uma vez que a matéria apresenta 0,57% do seu texto formado por palavras de aceitação.

O foco principal desse estudo é demonstrar que a composição textual das matérias da revista *Veja* modificou sua maneira de abordagem de assuntos relacionados ao comportamento sexual. Assim, a quarta hipótese confirma-se pois a Análise de Conteúdo dos três objetos de pesquisa mostra que o primeiro texto analisado, de 1981, apresenta 2,76% de palavras relacionadas a comportamento sexual. A segunda matéria possui 3,05% e a terceira, 3,26%. Entretanto, através da inferência é possível absorver ainda que a primeira matéria aborda somente a diferença de intensidade e compromisso de três tipos básicos de relacionamento entre homem e mulher, que são caso, amizade colorida e namoro. Já o segundo texto fala mais abertamente sobre sexo e a maneira que ele mesclou-se com o texto da teledramaturgia com sucesso. E, ao fim, a terceira matéria, de 2005, trabalha a liberdade e aceitação que o relacionamento homossexual ou bissexual já atingiu na sociedade.

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo, do INOVCOM, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Aluna do sétimo semestre de Comunicação Social – Hab. Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dri_moutinho@yahoo.com.br

³ Professora Doutora em Ciências da Comunicação, ministrando a disciplina de Comunicação e Cultura na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dircevl@sercomtel.com.br



Em suma, a composição textual reflete a mudança na abordagem sobre comportamento sexual, seja na maneira como implicitamente aceita as inovações ou mesmo na ausência de censura e sensação de inédito.

9. BIBLIOGRAFIA

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3ª. Ed. Portugal: Ed. 70, 2004.

LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**.
Petrópolis: Vozes, 2007.

ECO, Umberto. **Como se Faz uma Tese**. 19ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

SOUZA, Okky de. **Amizade Colorida**. Revista Veja, Editora Abril – edição n.º 658, 15 de abril de 1981, páginas 46 e 47.

SANCHES, Neuza. **De Tirar o Fôlego**. Revista Veja, Editora Abril – edição n.º 1.377, ano 28 – n.º 5, 1º de fevereiro de 1995, páginas 116 e 117.

MARTINS, Sérgio. **...E daí**. Revista Veja, Editora Abril – edição n.º 1.936, ano 38 – n.º 51, 21 de dezembro de 2005, páginas 122 a 128.

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo, do INOVCOM, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Aluna do sétimo semestre de Comunicação Social – Hab. Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dri_moutinho@yahoo.com.br

³ Professora Doutora em Ciências da Comunicação, ministrando a disciplina de Comunicação e Cultura na Universidade Estadual de Londrina, e-mail: dircevl@sercomtel.com.br